

## SIMPÓSIO AT222

### OS NEOLOGISMOS POR EMPRÉSTIMO NO ÂMBITO DA RADIO NACIONAL DE ANGOLA

CRISTINA, Carla  
CLUNL- NOVAFCSH  
a4747@campus.fcsh.unl.pt

**Resumo:** Com o desenvolvimento da tecnologia e num mundo cada vez mais globalizado, a qualidade da comunicação especializada em contextos profissionais é, hoje em dia, uma necessidade incontornável. No contexto da Radio, a importação da tecnologia é acompanhada da importação de termos estrangeiros, nomeadamente da língua inglesa. Esses termos são, na maior parte dos casos, neologismos terminológicos de forma ou de sentido, utilizados pelos jornalistas, no momento da construção do discurso radiofónico. Nesta situação, o jornalista terá tendência para usar os estrangeirismos de forma espontânea, desconhecendo que alguns desses termos já têm um equivalente em língua portuguesa. Noutras situações, criam termos que podem ser classificados como sendo termos híbridos, termos decalcados ou termos morfologicamente malformados. No *corpus* por nós compilado, encontramos ocorrências tais como “*scanear*”, “*pivot*”, “*play list*”, “ciberjornalismo”, “jornalismo online”, “*streaming*”, “*deadlines*”, entre outros. Pelo facto de as regras do bom jornalismo apelarem à clareza e ao rigor no discurso, e com base nos pressupostos teóricos da terminologia, quisemos, a partir de um *corpus* de especialidade, identificar e analisar os estrangeirismos em uso.

Para esta comunicação, iremos debruçar-nos sobre o estrangeirismo “*online*” cuja análise que iremos apresentar nos permite provar que o seu uso em determinados contextos é gerador de ambiguidades.

**Palavras-chave:** terminologia, neologia, neónimo, estrangeirismos

**Abstract:** With the development of technology and in an increasingly globalized world, the quality of specialized communication in professional contexts is now an inevitable necessity. In the context of Radio, the importation of technology is followed by the importation of foreign terms, namely the English language. These terms are, in most cases, terminological neologisms of form or meaning, used by journalists, at the time of the construction of radio speech. In this situation, the journalist will tend to use the foreign language spontaneously, not knowing that some of these terms have already an equivalent in Portuguese language. In other situations, they are creating new terms that can be classified as being hybrid terms, overlapping terms or morphologically malformed terms. In the corpus we compiled, we found occurrences such as “scanning”, “pivot”, “play list”, “cyberjournalism”, “online journalism”, “streaming”, “deadlines”, among others. Because of the rules of good journalism that requires clarity and rigor in the discourse, and based on the theoretical presuppositions of Terminology, we wanted, from a specialized corpus, to identify and analyze the foreign terms in use.

For this communication, we will focus on “online” foreign terms, whose analysis will allows us to prove that its use in certain contexts, generates ambiguities.

**Key words:** terminology, neology, foreign terms

## Introdução

A comunicação social, no caso específico a rádio, ao importar e utilizar grande parte da tecnologia desenvolvida pela informática para efectuar uma transmissão com qualidade e rapidez, importa conseqüentemente a terminologia que lhe está associada, logo, os seus profissionais ao utilizarem essa tecnologia utilizam também a terminologia que a acompanha, no caso, os anglicismos. Mas, será válido importar toda a terminologia que essa tecnologia transporta? Não teremos termos em português que representem o conhecimento por detrás da tecnologia importada? Muitos desses termos identificados no *corpus* são importados por necessidades denominativas ou são opções elitistas? Procuramos dar respostas a essas inquietações no ponto a seguir.

Utilizaremos os pressupostos teóricos da terminologia, enquanto ciência que estuda, estrutura e gere os termos e conceitos dos diferentes domínios de especialidade e que dispõe de metodologias e ferramentas essenciais e indispensáveis para a sistematização de uma comunicação clara, eficaz e eficiente entre os especialistas. Pretendemos, com esta análise, apresentar uma proposta metodológica que nos permitirá futuramente produzir um estudo mais aprofundado sobre a terminologia utilizada pelos redactores da RNA, com vista a aprimorar o entendimento e a partilha de conhecimento entre os profissionais da rádio.

Porquê a rádio? Porque os profissionais deste órgão de comunicação, além do compromisso de informar com clareza e rigor linguístico a veracidade dos factos, precisam em primeiro lugar de dominar a sua língua de trabalho a fim de se evitarem ambigüidades, duplas interpretações ou sentidos dúbios, GRADIM (2000). SQUARISI & SALVADOR (2005) são de opinião que o “emprego do termo adequado é uma das regras fundamentais do estilo” posto que o não domínio do português compromete as informações e prejudica a clareza dos textos. Logo, somos de opinião que a língua chega a ser indubitavelmente a mais poderosa forma de comunicação ao nosso dispor, pois, a língua é um factor inalienável para a comunicação social e o jornalismo surge como o mais importante instrumento para a divulgação da mesma.

Todavia, para acrescentar eficácia e, conseqüentemente, qualidade na actividade jornalística, adicionaríamos um outro ponto que está relacionado com a importância deste profissional conhecer e dominar a terminologia da sua área de especialidade, a fim de reduzir a ambigüidade nos textos e tornar a comunicação mais clara e eficiente.

## 1. Organização e Constituição do *Corpus*

Consideramos aqui como *corpus* o conjunto de textos de especialidade em formato digital relativos a um domínio do conhecimento e organizados segundo critérios pré-estabelecidos tais como a autenticidade, o tamanho ou a extensão, a representatividade, a área de especialidade e a actualidade do mesmo. Visto que o nosso objectivo é efectuar, futuramente, um estudo sobre a terminologia dos jornalistas redactores de rádio, enquanto público-alvo, um dos critérios para concretizar tal intenção foi pesquisar textos desta área de especialidade, produzidos por e para redactores de rádio, ou seja, os textos recolhidos são produções de indivíduos que estudam, pesquisam e leccionam jornalismo radiofónico.

Quanto ao domínio de especialidade, os textos abordam assuntos relativos à produção jornalística em rádio; são trabalhos concebidos a partir dos textos produzidos pelos redactores, no seu dia-a-dia, e são actuais por terem sido produzidos entre 2008 e 2016<sup>1</sup>. Quanto à representatividade, baseado em COSTA e SILVA (2008), consideramos que apesar da extensão do *corpus* de análise possuir um total de 397.252 formas, ele é representativo do domínio. Recolhemos textos no Repositório da Universidade Nova de Lisboa (RUN)<sup>2</sup> (6 Dissertações de Mestrado e 1 tese de doutoramento); na Biblioteca Mário Sottomayor Cardia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da já referida Universidade (3 capítulos do livro de Luís Bonixe “A informação radiofónica” (2012)) e na Internet (Manual de Jornalismo de rádio de Hernâni Santos (2008)).

---

<sup>1</sup> Referente a altura em que a pesquisa foi realizada

<sup>2</sup> O RUN é o Repositório da Universidade Nova de Lisboa aonde é armazenado, gerido e preservado toda a produção intelectual da UNL, permitindo livre acesso aos seus estudantes e investigadores.

<https://run.unl.pt/>.

## 2. Tratamento Semiautomático do *Corpus*

Após organização do *corpus*, demos início ao tratamento dos textos. Para tal, utilizámos o programa de tratamento semiautomático de dados desenvolvido por Laurence Anthony em 2002, denominado *AntConc*, a fim de obter as ocorrências e os *tokens* constituintes do *corpus*. Por esta via, foi-nos possível identificar os estrangeirismos deste domínio de especialidade, os seus contextos de uso, as formas que com eles coocorrem, obter as concordâncias, a distribuição das formas dentro dos textos e verificar que o *corpus* possui um total de 397.252 formas, das quais 22.154 são formas únicas, ou seja, formas não repetidas.

Desta primeira observação, sobressaíram diversas formas usadas em inglês, desde as formas adaptadas à língua portuguesa até às não adaptadas ao português, tais como, por exemplo: “*gatekeeper*”, “*lead*”, “*play list*”, “*pivot*”, “*agenda setting*”, “*streaming*” e “*online*” a forma com a frequência mais alta no *corpus* (138). Como veremos mais adiante, esta forma “*online*”, quando aplicada ao domínio da rádio, e transposta literalmente para o português, apresenta alguns problemas quanto à sua designação.

Dado que um termo é uma designação (que de um ponto de vista morfossintático é composta por uma e/ou mais unidades) que remete para um conceito específico, pertencente a um domínio de especialidade, iremos, no próximo ponto, procurar analisar os termos que têm a particularidade de serem estrangeirismos.

## 3. Breves considerações sobre os estrangeirismos

A importação de estrangeirismos na língua portuguesa não é um fenómeno recente. É notável a frequência com que os estrangeirismos surgem e se instalam com maior incidência nos meios de comunicação social, provavelmente, devido à evolução tecnológica que temos vindo a constatar nos últimos tempos. De forma sucinta, diríamos que estrangeirismos são unidades lexicais estrangeiras que passam do léxico de uma língua para o léxico de uma outra língua. Baseando-nos na bibliografia utilizada para este estudo<sup>3</sup>,

---

<sup>3</sup> Cabré (1993), Fontana e Vallduví (1990), Garcez e Zilles (2004), Lopes (1997), Medina (2003), Rodrigues (1992), Wüster (1998)

verificamos que não existe um consenso entre os diversos autores sobre o assunto.

O estrangeirismo, até se tornar parte integrante de determinado sistema linguístico, passa por 4 fases: 1.<sup>a</sup> Fase – preambular: “em que ainda não existiria uma conformidade real da palavra com o sistema da língua de acolhimento”; 2.<sup>a</sup> Fase – peregrinismo: consiste na “procura ainda instável, através de várias tentativas entre as formas ortográficas concorrentes”; 3.<sup>a</sup> Fase – neologismo de importação onde “a lexia já se conformou em grande parte com os vários níveis: ortográfico, morfológico, fonológico, sintático, semântico e tipográfico, mantendo ainda um sentido de novidade”; 4.<sup>a</sup> Fase – empréstimo, em que o elemento linguístico “deixa de ser sentido como um corpo estranho ao acervo lexical da língua receptora” (ANDRADE e LOPES, 1997). Estes autores ressaltam ainda que essa integração lexical num sistema alheio ao seu é contínua e raramente feita de forma homogênea. Ou seja, a integração de determinada unidade linguística acontece de diversas formas, ela pode estar integrada do ponto de vista gráfico, mas não estar integrada do ponto de vista fonológico e assim por diante. ALVES (2002) também é de opinião que a entrada de determinada unidade lexical de um sistema para o outro passa por vários processos, até à sua integração como neologismo por empréstimo. A autora refere ainda que este processo se manifesta de três formas: 1.<sup>o</sup> - pela inserção do estrangeirismo do sistema linguístico A para o sistema linguístico B; 2.<sup>o</sup> - pela tradução literal do termo estrangeiro, também denominado decalque, que poderá acontecer de forma alternada, em que ora é empregada a unidade lexical estrangeira, ora a tradução portuguesa. No nosso *corpus* foi possível observar essa alternância, uma vez que constatámos que a forma em inglês “*e-mail*” coocorre com a forma em português “*correio electrónico*”; 3.<sup>o</sup> - pela integração do neologismo por empréstimo que pode manifestar-se através da adaptação gráfica, morfológica ou semântica. Desta feita, Alves refere ainda que a adaptação gráfica do vocábulo estrangeiro ao sistema português não constitui uma regra, uma vez que a forma gráfica integrada ao português chega muitas vezes a concorrer com o elemento grafado de acordo com a língua de origem. Os exemplos, “*lead*” (ing) e “*lide*” (pt) são exemplos retirados do *corpus* de formas que concorrem uma com a outra nos mesmos textos, apesar do termo em inglês apresentar maior frequência.



### 3.1 Estrangeirismos, importação ou empréstimos?

ANDRADE (2001) considera que, do ponto de vista conceptual e denominativo, a terminologia à volta do empréstimo linguístico, não está normalizada, e esta situação interfere, eventualmente, na clareza, eficácia e eficiência da comunicação entre especialistas e aprendizes. Para que a comunicação seja clara e eficiente, a autora propõe, uma terminologia adequada para o fenómeno considerado empréstimo linguístico e diferencia as denominações importação, empréstimo e estrangeirismos. Assim, considera importação a unidade importada que se adaptou ao sistema da língua de acolhimento; o empréstimo um processo que consiste na passagem de uma unidade lexical de um registo A para um registo B, e estes estariam subdivididos em empréstimos internos e externos; o estrangeirismo uma unidade lexical estrangeira, que permanece, do ponto de vista ortográfico e morfológico, grafada como na língua de origem, não tendo sofrido qualquer alteração nesses níveis.

Por concordamos com tal distinção, nesta investigação, utilizaremos os termos estrangeirismo, empréstimo e importação segundo as definições acabadas de mencionar.

Para determinarmos se uma forma é um estrangeirismo, uma importação ou um empréstimo optámos por verificar se a forma em observação já tinha sido dicionarizada. Para tal tarefa, consultámos o Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa (2001), o Grande Dicionário Houaiss (2015) e o Dicionário Electrónico da Priberam.

## 4. Neologismos por empréstimo

Os neologismos são os objectos linguísticos centrais da neologia. Esta é definida por REY (1995) como sendo “a lexical unit perceived as recent by language users”. O autor distingue três tipos de neologia: “formal, semantic or pragmatic”. COSTA (1998) refere que a criação neológica “enquanto unidade lexical, funcional e pragmática surge devido à necessidade sentida por uma comunidade linguística, em designar conceitos e realidades novas”. Por sua vez, CABRÉ (2002) refere que a neologia consiste em “introduzir en una llengua una unitat léxica o un altre recurs lingüístic nous, que o podem haver estat creats

aproveitando os recursos internos de la própria llengua o bé manllevats a una llengua forana”. O debate acerca da neologia é longo, pois os processos neológicos acontecem em todas as línguas e estes formam parte da competência dos seus falantes. É por este motivo que se verificam diferentes criações neológicas nos distintos tipos de neologia. De entre os factores que determinam essas diferenças neológicas estão: “el tipo de neologismo, el ámbito de utilización, la estructura denominativa interna de cada ámbito, etc” (CABRÉ et al., 2000). As autoras apresentam ainda quatro tipos de neologia: espontânea, planificada, geral e especializada ou neónimia, que segundo as autoras são próprias dos contextos de especialidade. Do ponto de vista da sua função, os neónimos classificam-se em referenciais (porque denominam novos conceitos) e expressivos (porque introduzem novas formas expressivas na comunicação).

Um outro factor importante na criação da neologia terminológica é que esta deve estar de acordo com o sistema linguístico da língua em que é criada, tendo em conta aos factores socioeconómicos, culturais e as políticas do país que irá utilizar essa terminologia. Infere-se com isto que a necessidade de denominar novas realidades e/ou conhecimentos faz com que muitas vezes estes vocábulos emprestados e/ou importados, quando utilizados na língua de partida, por motivos elitistas, denominativos ou comunicacionais, sofrem algumas transformações quer a nível morfológico, fonológico, sintáctico e/ou semântico, originando novas unidades lexicais. CABRÉ (2015) considera esse aspeto “totalment imprescindible per a la modernització d’una llengua i el seu manteniment com a llengua de cultura especialitzada, particularment en els àmbits científics i tècnics”.

Mas, o que ocorre quando a importação de determinado termo é utilizada de forma arbitrária? dependendo unicamente da vontade ou critério dos profissionais do domínio importador do neologismo por empréstimo?

## 5. Análise do empréstimo “*online*” e “em linha”

Neste ponto, faremos uma abordagem mais profunda sobre a problemática do anglicismo “*online*” e do termo “em linha” no domínio da rádio.

O termo inglês “*online*” é um empréstimo externo que surge no nosso *corpus* e cujo domínio será o da Internet. Uma vez que as rádios recorrem ao

fluxo de dados e que tal facto tornou, de certa forma, mais estreita a interacção dos profissionais de rádio com os seus ouvintes, por questões denominativas, o termo foi então introduzido no domínio da rádio. A “confusão” terminológica no domínio da rádio, ou seja, a ambiguidade veiculada pelo termo surge quando “*online*” é usado como equivalente de “em linha”. A imprecisão advém então pelo facto de “*online*” e “em linha” reflectirem duas realidades diferentes.

Para um maior esclarecimento sobre a ambiguidade causada no domínio da redacção radiofónica, relativamente a este empréstimo linguístico, recorreremos ao Dicionário Prático de Informática que como 1.<sup>a</sup> acepção refere o seguinte: “relativo a dispositivo ou programa de computador que se encontra activado e pronto para funcionar; que pode comunicar com outro computador ou ser controlado por ele”. Em seguida, consultámos o Dicionário Breve da Informação e da Comunicação (2000) que define “*online*” como: “modalidade de consulta de mensagens e de toda a espécie de dados multimédia através da conexão às redes multimédia”. Neste mesmo Dicionário, não há nenhuma entrada relacionada com o equivalente em português “em linha”. Recorremos, ainda, ao Dicionário da Academia de Ciências e aí encontrámos várias acepções, não para o termo “em linha”, mas para linha que é definido como “sistemas de fios através do qual se estabelece a comunicação telefónica ou telegráfica”. O termo “em linha”, neste dicionário, remete-nos para a entrada “*online*” e refere “que está ligado à rede”. Ao fazermos uma pesquisa minuciosa na base de dados terminológica multilingue da União Europeia IATE (InterActive Terminology for Europe)<sup>4</sup> verificámos que as várias acepções disponíveis para “*online*” se referem exclusivamente ao domínio da informática.

Portanto, se para os profissionais da informática os termos “*online*” e “em linha” possuem o mesmo referente, para os profissionais da rádio, estes possuem referentes distintos. O termo “*online*” refere-se ao contacto que um locutor mantém com o ouvinte ou um colega, através de um computador ou de aplicativos disponibilizados pela informática que podem ser utilizados nos telemóveis, como é o caso das redes sociais e dos canais de rádio. Já “em linha” refere-se ao contacto que o locutor mantém com o ouvinte ou repórter através de uma linha telefónica. Ou seja, quando os intervenientes da rádio mantêm uma

---

<sup>4</sup> <https://hviate.europa.eu/search/standard/result/1550234597762/1>



comunicação por via de um computador ou de outros aplicativos informáticos ligados à internet, utiliza-se o termo “online”, quando essa comunicação é efectuada através de uma linha telefónica utiliza-se o termo “em linha”. A diferença entre os dois termos reside no meio utilizado para manter a comunicação entre os seus interlocutores.

Uma vez que não encontrávamos em nenhuma das acepções do termo “*online*” uma referência ao conceito relativo ao contacto telefónico entre os interlocutores em rádio, quisemos saber que termo os profissionais de rádio, nativos da língua inglesa, utilizam para anunciarem a conversa ou a entrevista por meio telefónico. Ao fazermos uma busca pelo Webster's New World Dictionary of Media and Communications, verificámos que o termo é “phoner” e este é definido como: “an interview, as on a radio program, conducted via telephone”. Ao nível conceptual, este termo corresponde ao termo “em linha” utilizado pelos profissionais da radio, nativos da língua portuguesa. Curiosamente, a nível da sua designação em nada se assemelha ao termo em língua portuguesa.

Consideramos, assim, que os termos “em linha” e “*online*”, quando utilizados em rádio, não devem ser utilizados de forma arbitrária, porque geram uma ambiguidade na comunicação, na medida em que designam conceitos diferentes.

## **6. Proposta para uma uniformização da terminologia da RNA**

Para se efectuar a concertação de uma terminologia eficiente e eficaz de determinada área do conhecimento, a ciência terminológica aponta para duas possíveis direcções: a normalização e/ou a harmonização dos termos. Uma vez que a tarefa de normalização dos termos é da inteira responsabilidade dos órgãos governamentais, propomos, nesta pesquisa, como forma de adequar os termos do domínio da rádio, que se efectue um trabalho de uniformização dos termos que possam causar ambiguidade na comunicação, como é o caso do termo “*online*”.

Contudo, haverá a necessidade de formar um grupo de trabalho para realizar tal tarefa. Pois concordamos com Estopà quando refere que o tradutor

ou mediador linguístico deve ser consciente ao introduzir ou importar novas unidades lexicais nos seus textos porque:

les seves traduccions es converteixen en un aparador de difusió dels nous termes que, si quallen, entraran a formar part del cabal lèxic d'una llengua. La tria que fan els traductors dels recursos de formació d'un terme tenen una importància cabdal pel que fa a la normalització d'una llengua (ESTOPÀ, 2010:29).

Por este motivo consideramos que a harmonização terminológica deve partir da consensualidade entre terminólogos e os profissionais da área.

### Considerações finais

Com este breve estudo, foi possível identificar os estrangeirismos que causam ambiguidade na comunicação radiofônica. Verificámos uma ambiguidade relativamente ao anglicismo “*online*” e ao seu suposto correspondente “em linha”. Este termo, quando utilizado pelos profissionais da informática poderá não causar qualquer ambiguidade, mas sendo utilizado pelos profissionais da rádio, poderá causar ambiguidades, devido a que ambos os termos não designem o mesmo conceito. Logo, urge a necessidade de estabelecer as diferenças entre estes dois termos.

Constatámos ainda que os jornalistas da rádio, algumas vezes, por questões denominativas e/ou elitistas, recorrem aos estrangeirismos, e estes, por vezes, coocorrem com os seus equivalentes em português, nos mesmos textos. Consideramos que a harmonização dos termos é necessária para evitar o uso de termos aparentemente sinónimos e, assim, impedir possíveis conflitos na comunicação entre profissionais de rádio e entre estes últimos e o seu público alvo.

### Referências

ALVES, L.M. **Neologismo: criação lexical**. Editora Ática, São Paulo, 2002.

ANDRADE, A.R.; LOPES, A.L. **Primeira fase de instalação do estrangeirismo**. in Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: APL /Colibri, pp 77-89, 1997. Disponível em: [http://www.apl.org.pt/docs/actas-13encontro-apl-1997\\_vol1.pdf](http://www.apl.org.pt/docs/actas-13encontro-apl-1997_vol1.pdf) Acesso aos 02.02.2017

ANDRADE, A.R. **A terminologia do empréstimo linguístico no português europeu uma terminologia ambígua?** in Actas do Encontro comemorativo dos

25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto: Vol. 1, ISBN 972-9350-70-1, págs. 35-44, 2001.

CABRÉ, M.T. **La neologia: un nou camp a la cerca de la seva consolidació científica.** Caplletra 59 (Tardor, 2015), pp. 125-136. ISSN 0214-8188, ISSN versió electrònica 2386-7159, 2015.

CABRÉ, M. T. **La neologia efímera.** En CABRÉ, M. T.; FREIXA, J.; y SOLÉ, E. (ed.), *Lèxic i neologia.* Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada – Universitat Pompeu Fabra, 2002.

CABRÉ, M.T; BAYÀ, M.R; BERNARD, E.; FREIXA, E.S; VALLÈS, T. **Evaluación de la vitalidade de una lengua a través de la neología. A propósito de la neología espontánea y de la neología planificada.** In CHEVALIER, J-C.; DELPORT, M.-F. *La Fabrique des Mots: la néologie ibérique.* Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, collection Iberica-Essais, 2000

COSTA, R. **Aspectos da neologia no vocabulário da economia.** in Actas do IV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística de Lisboa, org. Direção da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, 1988.

COSTA, R.; SILVA, R. **De la typologie à l'ontologie de textes.** Terminologies & Ontologies: Théories et applications. Actes de la 2ème Conférence – Toth Ancey: Institut Porphyre. Savoir et Connaissance, 2008.

ESTOPÀ, R. **La neologia especialitzada, repte constant per al mediador lingüístic.** Aspectes de terminologia, neologia i traducció Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, p.15-39, 2010. Disponible em: <https://publicacions.iec.cat/repository/pdf/00000168%5C00000005.pdf> acesso aos 17.02.19

GRADIM, A. **Manual de jornalismo.** Estudos em Comunicação, UBI, Covilhã, 2000.

REY, A. **Essays on Terminology.** translated and edited by de Juan C. Sager, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam-Philadelphia, 1995.

RODRIGUES, A.D. **Dicionário Breve da informação e da Comunicação.** Editorial Presença, Lisboa, 2000.

SQUARISI, D.; SALVADOR, A. **A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto.** Editora Contexto, São Paulo, 2005.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea.** Editorial Verbo, Lisboa, 2001.

MICROSOFT. **Dicionário Prático de Informática.** Editora McGraw – Hill de Portugal, Lda., Lisboa, 2000.

WEINER, R. **Webster's New World Dictionary of Media and Communications.** Publisher: Wiley, 1996.